



**CURSO DE PEDAGOGIA**

**CLEONEIDE ARRUDA BARROZO SANTANA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

**FORTALEZA**

**2018**

**CLEONEIDE ARRUDA BARROSO SANTANA**

**A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Faculdade Ateneu como requisito final para obtenção de grau de Licenciada.

Orientador(a): Prof.(a) Lucíola Lima Caminha Pequeno

**FORTALEZA**

**2018**

S231c Santana, Cleoneide Arruda Barrozo.

A contação de história no processo de ensino e aprendizagem.  
/ Cleoneide Arruda Barrozo Santana. -- Fortaleza: FATE, 2018.

25f.

Orientadora: Profa. Lucíola Lima Caminha Pequeno

TCC (Pedagogia) – FATE, 2018.

1. Contação de história. 2. Aprendizado. 3. Leitura. I. Título.

CDD 372.2

# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM (THE ACCOUNTING OF HISTORY IN THE PROCESS OF TEACHING AND LEARNING)

Cleoneide Arruda Barroso Santana<sup>1</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como meta apresentar a contação de história no processo de ensino e aprendizagem, identificando o papel da contação de história no processo de aprendizado, possibilitando uma interação participativa dos alunos com as histórias infantis, e a maneira que se pode trabalhar em sala de aula. A contação de história ajuda nos aspectos cognitivos, estimulando a criatividade, o aprendizado de novos conteúdos, a concentração, a atenção, e o estímulo à leitura. O estudo teve uma abordagem qualitativa e utilizou-se da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, tendo como lócus uma escola particular situada em Fortaleza/CE. Como coleta de dados, foi aplicada uma entrevista semiestruturada com as professoras das turmas da Educação Infantil, além de observações em sala de aula. Ao final da pesquisa, constatou-se de fato que a contação de história é trabalhada pedagogicamente e vivenciada pelas professoras como incentivo à leitura, fazendo parte dos conteúdos, contribuindo de forma direta no processo de aprendizagem da criança. O corpo docente percebe o quanto a leitura é incentivada pelas histórias contadas e lidas pelas crianças, sendo um instrumento estimulante no desenvolvimento infantil.

**Palavras-chave:** Contação de história. Aprendizado. Leitura.

## ABSTRACT

The aim of this article is to present the accounting of history in the process of teaching and learning, identifying the role of storytelling in the learning process, enabling a participatory interaction of students with children's stories, and the way one can work in the classroom. Storytelling helps in cognitive aspects, stimulating creativity, learning of new content, concentration, attention, and stimulating reading. The study had a qualitative approach and we applied bibliographical and field research, having as a locus a private school located in Fortaleza/CE. Data collection used a semi-structured interview with the teachers of Child Education, besides observations in the classroom. At the end of the research, it was verified that teachers applied storytelling pedagogically and experienced it as an incentive to reading, being part of the contents, contributing directly to the learning process of the children. The faculty realize how much reading is encouraged by stories told and read by children, and a stimulating tool in child development.

**Keywords:** Storytelling. Learning. Reading.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia da Faculdade Ateneu. E-mail: cleoneide\_santana@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

A leitura é fundamental no processo de aprendizado do aluno. Por isso, faz-se necessário o uso de ferramentas que favoreçam a aproximação, de forma lúdica, do educando com os livros, estimulando o contato, o desenvolvimento da imaginação através de figuras ilustrativas e o interesse em ler, usando a contação como incentivo.

A literatura é muito importante no processo de ensino e aprendizado do aluno, pois desperta seu imaginário, criatividade e a capacidade de discernimento crítico. Ao trabalhar com a literatura infantil em sala de aula, o professor proporciona uma relação de diálogo com o aluno, com sua cultura e com a sua realidade. A obra literária infantil trabalha com a vida, por isso permite inter-relacionar diferentes disciplinas em sala de aula. Essa interação poderá ocorrer com Ciências, História, Geografia, Matemática ou Educação Física.

Com isso, a investigação pretende esclarecer o papel indispensável da contação de histórias como recurso didático que, incentivando no discente a prática da leitura da história contada em sala de aula, favorece, igualmente, o despertar de uma busca de informações em outras fontes e outros temas

Com base nesse pensamento, este estudo se justifica devido à necessidade, em sala de aula, de buscar novas alternativas para ajudar no processo educativo do aluno, o qual é comum apresentar dificuldades de concentração e interesse pela leitura.

Desse modo, como é possível inferir, o objetivo geral da pesquisa é identificar qual o papel da contação de história, de forma a contribuir no processo de ensino e aprendizagem, possibilitando uma interação participativa dos alunos com as histórias infantis. Conhecer como se dá o desenvolvimento infantil no processo de ensino; Indicar a relação do lúdico com a aprendizagem infantil; Indagar a contação de histórias como instrumento de aprendizagem; Trazendo a problemática, qual o papel da contação de história no processo de ensino e aprendizagem?

Diante desses pressupostos, no tema abordado daremos ênfase às seguintes temáticas: a infância e a leitura historicamente; o desenvolvimento e a aprendizagem infantil; e a importância da contação de história na educação da criança.

## **2 A INFÂNCIA E A LEITURA HISTORICAMENTE**

Na concepção de infância e criança, compreende-se a primeira como uma etapa da vida de uma pessoa, e a outra como sujeito histórico e social.

Na Antiguidade, a educação da criança, segundo o pensamento platônico, era vista como destinada a um ser em potencial, direcionando-se para os fins políticos da época. A criança não era vista como ela era, e sim como possibilidade futurista.

Já na Idade Média (476-1453), segundo Aries (1981), considerava-se a infância como um período caracterizado pela inexperiência, dependência e incapacidade de corresponder a demandas sociais mais complexas. A criança era vista como um adulto em miniatura e, por isso, trabalhava nos mesmos locais, usava as mesmas roupas e era tratada da mesma forma que o adulto.

Nesse mesmo período, não havia livros de literatura que se referissem às crianças. A linguagem era a mesma, tanto para a criança quanto para o adulto. Não existia instituição escolar e as aulas eram ministradas em lugares públicos, mercados, igrejas e praças. Essas aulas eram dadas sem distinção de idade.

Por isso, na arte medieval, a criança era retratada, através das obras de artistas, com características de adulto, só em tamanho menor.

E por isso as pinturas coerentemente retratam as crianças com adultos em miniatura, pois logo que as crianças deixavam de usar cueiros, vestiam-se exatamente como outros homens e mulheres de sua classe social (POSTMAN, 2011, p. 32).

Nos primeiros ensinamentos, a preocupação da igreja era de catequizá-los, que era uma maneira de as crianças aprenderem os princípios religiosos, e não uma atividade para o dia-a-dia. Só há indícios de uma preocupação com a formação moral da criança no final do século XVII, com as mudanças relacionadas aos sentimentos com a criança

Nesse sentido, Kramer argumenta que:

A inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade. Assim, a ideia de infância não existe sempre da mesma maneira, ao contrário, a noção de infância surgiu com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudavam a inserção e o papel social da criança da comunidade (KRAMER, 2006, p.14).

Com isso, as mudanças ocorridas no período da Idade Média à Idade Moderna fazem com que a sociedade deixe de ver a criança como um ser em miniatura. Através de fatores sociais, culturais e históricos, que irão contribuir para um novo conceito de infância. A própria história se encarrega de percorrer outros caminhos. A própria vivência humanizada e os avanços de cada época fazem com que favoreçam um desenvolvimento referente àquele tempo.

Todavia no século XX, com o avanço científico-tecnológico, surgem novas possibilidades, quebrando padrões, gerando uma ideia de um novo século, uma nova era na história da humanidade, chamada globalização.

Portanto, no Brasil, a literatura infantil iniciou-se com obras pedagógicas, mesmo com predominância das tendências europeias, com representações bem diferentes das vivenciadas pelo leitor nacional. Nesse sentido, Silva (2013) enfoca que Monteiro Lobato iniciou uma obra para a infância focalizada nas raízes e vivências locais e no contemporâneo.

Para complemento, retrata Regatieri:

No Brasil a literatura não teve origem popular, nem aparecimento espontâneo. Foi induzida, patrocinada por autores que escreveram livros para crianças no período de transição entre os séculos XIX e XX e somente com o sucesso de Monteiro Lobato e Tales de Andrade, editoras começaram a prestigiar o gênero. Mais isso só garantiu a autonomia da literatura Infantil que ainda continuava sem legitimação artística, com livros voltados para o mercado escolar fazendo com que a fantasia e a criatividade fossem indiretamente disciplinadas. Dessa forma o Estado poderia controlar, de certa maneira, a publicação de livros destinados à infância. (2011, p. 13)

Regatieri (2008, p. 32) “ênfatisa que a literatura infantil só passa a ter uma postura pedagógica, ao invés de lúdica, com o intuito de levar às crianças os valores e normas que os adultos analisavam importantes”.

Nesse sentido, a literatura deve trazer informações e alterações do conhecimento, pois a sua função é levar divertimento e prazer. Então, ao focar o trabalho com a literatura, o aprendizado deve priorizar o conceito apreciativo, para, logo após, o desempenho da função cognitiva, motora, social e afetiva.

Ressaltando essa ideia, Sisto (2005, p. 88) complementa, informando que a contação de história é uma ferramenta indispensável na prática do professor, a levar as crianças a ter contato com as histórias. Pois as histórias ajudarão a ter o primeiro contato com os livros de modo agradável, levando à distração, a lugares distantes, através da imaginação e fantasia, proporcionando experiências aventureiras que trarão inúmeras possibilidades. Ocasionalmente benefícios como “recrear, transformar, informar, apaziguar e integrar”.

Desde quando a escrita passou a fazer parte da vida em sociedade, ler tornou-se uma tarefa importante no que se refere à interação, para que situações apresentadas pela sociedade possam ser realizadas. Os avanços tecnológicos, proporcionaram diversas informações, assim, tornou-se indispensável a preparação de leitores, para serem capazes de discernimento entre soluções e problemas presentes na realidade.

Para fomentar essa ideia de desenvolver cidadãos leitores, Abramovich (1997, p. 16 *apud* BARBOSA e SANTOS, 2009, p. 3) destaca:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias.... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor e ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo.

Portanto quando nos dispomos a levar, de forma divertida, a leitura para as crianças, estamos proporcionando uma descoberta maravilhosa dos livros, e assim deixando que a criança percorra seu próprio caminho de leitor capaz de descobrir e vivenciar novas experiências. O cuidado com os livros, a exemplo dos adultos, favorece o interesse pela leitura e conseqüentemente pela escrita, e no seu desenvolvimento e aprendizado como um todo.



## 2.1 O desenvolvimento e o aprendizado

As primeiras experiências de vida são de fundamental importância na vida do ser humano. Principalmente as que fazem parte da infância, pois é nessa fase que aprendemos a lidar com emoções que são despertadas, ou muitas vezes reprimidas, e por isso são fundamentais, no processo e desenvolvimento do ser, as primeiras vivências.

Com relação às instituições de Educação Infantil, elas devem propiciar situações do cotidiano, como brincadeiras que estimulem o desenvolvimento dos cinco sentidos dos alunos, que se referem à capacidade de comunicar-se, do raciocínio lógico e de socialização com outras crianças. É nessa fase que se precisa incentivar a criatividade e a autoconfiança, e demonstrar o quanto é importante o respeito ao outro e a noção de limites.

No desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos, podemos relacionar os conceitos de maturação e desenvolvimento de aprendizagem. A maturação refere-se às mudanças relacionadas aos aspectos biológicos, físicos e à evolução da pessoa.

Já quando se trata do desenvolvimento, refere-se à formação das funções humanas como: linguagem, memória, raciocínio e estima. São aspectos que definem as qualidades, capacidades e possibilidades.

A capacidade do conhecimento e do aprendizado que se pode construir através das trocas realizadas entre o meio mostraram, pelos estudos de Piaget, Vygotsky e Wallon, que o desenvolvimento infantil acontece de maneira contínua, dinâmica e ativa.

Piaget, na sua teoria, percebeu que, através da interação do ser humano com o ambiente, são construídas as estruturas intelectuais ou cognitivas. Pois chamava de esquema as ações mentais, sensoriais e físicas. E que as mudanças dos esquemas para os esquemas mentais se davam pela assimilação, acomodação e equilíbrio.

Na teoria de Vygotsky (1992), o desenvolvimento do indivíduo e o funcionamento do psicológico são modelados de acordo com sua cultura, e faz parte da natureza humana o processo histórico. Ele traz também a noção de mediar e

representar através de símbolos e da linguagem, possibilitando ao indivíduo os chamados processos humanos.

Já Henri Wallon (1992) baseia sua teoria na integração da razão com a emoção, sugerindo a desagregação entre o plano motor e o plano mental, fazendo uma análise das atividades motoras, perceptíveis e lúdicas e a evolução do eu, e cognitiva. Para compreender a vivência da criança no mundo do pensamento e trazer aspectos que se relacionam aos fatos patológicos, psicológicos e neurológicos, levam-se em consideração as representações mentais.

No período de mais ou menos três meses após o nascimento, são observadas reflexos e movimentos impulsivos, ou seja, simples descargas motoras sem objeto exterior, que acompanham estados de bem-estar ou desconforto. Segue-se uma etapa emocional, em que a movimentação automática e a impulsiva é alimentada pelas reações do ambiente humano. Desta maneira, por volta dos seis meses, já se pode distinguir na mimica infantil todas as emoções básicas – alegria, medo, espanto e tranquilidade, com o poder de atuar sobre o ambiente humano, representado pela mãe, de quem conseguem a satisfação de suas necessidades, usando essa expressividade emocional. (CAMPOS, 2007, p. 59)

Wallon retrata o desenvolvimento psicogenético em diversos estágios, como estágio impulsivo puro, estágio sensório-motor, estágio do personalismo, e a adolescência. No entanto, este teórico focou seus estudos na importância das relações afetivas, no amor, no companheirismo e nos aspectos, sociais e motores da criança.

A aprendizagem é um processo que acontece de maneira contínua, pela descoberta realizada pela criança, através dos contatos com ambientes e objetos que promovem um crescimento intelectual para o favorecimento cognitivo do seu crescimento.

Durante esse processo, o professor é mediador de conhecimentos, pois realiza atividades para estabelecer a aprendizagem, mesmo sendo a criança que vai ao encontro do novo, produz e elabora conhecimentos. É o professor que estabelece interação da criança entre si e com os outros, pois, nesse sentido, a criança precisa do adulto para expandir seus conhecimentos. Portanto a família também faz parte

desse processo, no que se refere a estimular, incentivar e proporcionar a aprendizagem dos mesmos.

De acordo com Falcão (2003, p.19), a aprendizagem é um desafio do dia-a-dia que acontece desde o nascimento. Dá-se ao termo aprendizagem as mudanças ocorridas de alguma espécie de treinamento. Outra situação é a observação; a pessoa não vivencia, mas observa e aprende. Sabendo que a aprendizagem não acontece pela hereditariedade, mas pelo processo pessoal, é o envolvimento da pessoa, através do seu esforço e disposição para aprender. Assim sendo pessoal, também é gradual, e cada um tem o seu limite, que deve ser respeitado. Portanto é na infância que mais se aprende.

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (RCNs) (BRASIL, 1998, p. 30), para que as aprendizagens infantis se desenvolvam com sucesso, é necessário que o professor leve em consideração, no preparo do trabalho educativo:

- A interação das crianças e as situações de aprendizagem e desenvolvimento da capacidade de se relacionar, de acordo com as idades ou idades diferentes;
- As construções feitas pelas crianças de acordo com as informações recebidas;
- O individual e a diversidade;
- Os desafios apresentados pelas atividades, de maneira integrada, que favorecem a proximidade das práticas sociais e reais;
- A aprendizagem como forma de resolução de problemas.

O processo de aprendizagem se dará quando houver interação entre si e o professor, sendo ele o mediador desse processo. As crianças, para ampliar seus conhecimentos, precisam da ajuda de um adulto. Portanto o professor tem a responsabilidade de atuar como mediador dessa aprendizagem, por estar integrado e capacitado para esta função. Incluindo também a família nesse processo como estimuladora e incentivadora do aprendiz.

A aprendizagem através do lúdico deve ser considerada do ponto de vista das crianças, propondo a compreensão dos conteúdos a partir da reconstrução que ela realiza. A aprendizagem é assegurada através da estruturação cognitiva dos conhecimentos prévios que as

crianças constroem quando elaboram seus novos conhecimentos. O professor não é um transmissor de conhecimentos e sim um ser que pode mediar a qualquer momento a aprendizagem e seus alunos, fazendo da escola um ambiente propício para a relação professor-aluno ser mais criativa. (OLIVEIRA, 2010, p. 19)

Nesse sentido, o estudo da temática é de consentimento para a área da educação, principalmente levando em consideração a fase da Educação Infantil, pois é nesse período que as crianças iniciam sua vida escolar e são despertadas para uma consciência leitora, algo que necessita ser incentivado na escola ou fora dela.

### **3 A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA**

A Educação Infantil passou a ser reconhecida como dever do Estado a partir de 1988 pela Constituição Federal, garantindo como direito da criança o atendimento em creches e pré-escolas. Desde este período, as instituições vêm buscando novas formas de elaborar concepções sobre a educação de crianças pequenas. Dessa maneira, ao longo dos anos a Educação Infantil passa a ter um novo olhar, procurando buscar práticas que possam garantir uma aprendizagem contínua. Isso dando ênfase aos conteúdos referentes à Educação Infantil, sem antecipar os conteúdos do Ensino Fundamental, assegurando à Educação Infantil, de maneira indispensável, o objetivo de educar e cuidar.

As Diretrizes Curriculares para a Educação levam em consideração as diferenças individuais de cada criança, com uma concepção de criança multifacetada, em sua resolução nº 5 (CNE/CEB, 2009, p.12), falando à criança através do Art. 4:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Nesse sentido, as instituições da Educação Infantil têm como finalidade despertar na criança o desejo de buscar saberes e experiências lúdicas e prazerosas em função das interações e brincadeiras, em meio às diversas linguagens. Isso proporcionando uma aprendizagem motivadora e satisfatória.

A família tem um papel importantíssimo no desenvolvimento cognitivo da criança, principalmente nos seus primeiros anos da infância. Mesmo antes de

frequentar a escola, a criança interage, aprende, conhece os hábitos e ações dos familiares e se desenvolve socialmente.

Dando sentido a essas palavras, Cavalcante (2004, p. 67) relata que:

A importância da família na formação do leitor é imensa, visto que os primeiros anos da infância são marcados pelas relações desenvolvidas entre os pequenos e os grandes, pertencentes ao mesmo grupo de parentesco. É na família que se vai adquirir os primeiros hábitos, os valores e os gostos.

A escola é um lugar de descobertas, proporcionando benefícios para a criança, nos anos iniciais no processo formativo e cultural, a partir do momento que propõe desafios para a mente humana, abrindo caminhos para a socialização e a aprendizagem. Ela trabalha os conceitos de responsabilidade, cidadania, solidariedade, entre outros, para um convívio harmonioso em sociedade.

Com relação ao uso da literatura no âmbito escolar, os educadores encontram desafios para atrair a atenção dos educandos para o momento da leitura. Para que o aluno seja corresponsável, é preciso se comprometer e desenvolver com competência as habilidades e capacidades intelectuais, motoras, afetivas e de relações interpessoais. Com isso, estamos direcionando que a formação da criança leitora tem seu início com o contato com diversos meios literários. Um dos aspectos importantes para desenvolver o gosto pela leitura é a leitura de contos.

De acordo com nossa fala, Cavalcante (2004) afirma:

Dessa forma, a narrativa das histórias do mundo próprio tem sido apenas no momento em que se entrelaçam na história de vida do sujeito. Pois, para a criança, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, A Bela e a Fera, O Gato de Botas e tantas outras narrativas têm sentido porque dizem respeito aos diversos aspectos e conteúdos experimentados simbolicamente por ela. De fato, qualquer narrativa tem como ponto de partida a própria história de vida do leitor.

A partir de um conto narrado, é provável que se possa trabalhar os conteúdos de linguagem oral e linguagem escrita. Deste modo, podemos traduzi-lo através de diversas linguagens, como a história em quadrinhos, texto teatral ou poemas. Na área da arte, pode-se recriar através da linguagem visual (pinturas, desenhos, construções tridimensionais, vídeos, informática – criando uma página sobre o conto), corporal (através de coreografias, noções de direção, plano, dimensão, força, ritmo), sonora (musicalização a partir dos sons produzidos pelo próprio corpo, canções infantis) e

cênica (improvisações livres, construção de personagens, pesquisa de figurino, espetáculo teatral). Com imaginação, é possível criar inúmeras possibilidades em um projeto que envolva o conto, e assim mobilizar os educandos, estimulando e exercitando-os à socialização, ao mesmo tempo em que estarão em contato com seus afetos, aprenderão a lidar com os seus, e conseqüentemente, levando a um amadurecimento psicológico.

### **3.1 Habilidades para contar histórias**

Os contadores de histórias existem muito antes de a escrita existir. No fim do século XVII, Charles Perrault descobre histórias ou contos do tempo passado: os contos da mãe gansa, que foi o primeiro núcleo da literatura infantil ocidental.

Já no século XIX, surgem os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, que são os grandes incentivadores das narrativas, lendas e tantas outras, mescladas de relatos antigos. Conforme o tempo vai passando, surge Hans Christian Andersen, apresentando 200 contos infantis, com o título de *Eventyr*, sendo que alguns foram retirados da literatura popular. Aqui no Brasil, o surgimento acontece através de Monteiro Lobato, que ainda hoje contribui tão bem para a literatura infantil.

Portanto ao contar uma história, faz-se necessário que o professor conheça o enredo, para poder mostrar às crianças opções de trilharem o caminho, proporcionando uma vivência emocionante e participativa. Narrar exige habilidades, como a descontração, para poder prender a atenção das crianças, e a entonação da voz, criando um clima aconchegante entre a história e a criança.

Para contar histórias para as crianças, é necessário desenvolver e usar alguns recursos, como a voz, que é o principal instrumento do contador; o olhar, que serve como elo de ligação entre o contador e o ouvinte; e a expressão corporal, que são fatores indispensáveis na expressão das ideias.

Diante das técnicas citadas, apresentaremos outras possibilidades que ajudaram na contação de histórias: como flanelógrafo, imanógrafo, quadro de pregas, álbum seriado, álbum sanfonado, transparência, mural didático, cineminha, música, teatro de sombras, dramatização, fantoches, teatro de varas, máscaras, cartazes e

quadros, dobraduras, jogos (incluindo quebra-cabeça e jogo da memória), histórias sequenciais, mímica, reportagem, seminário e pesquisa. Com enfoque na contação, o mais importante ao contá-la é o envolvimento da criança (aluno). Se possível, deve-se relacionar a história com outras disciplinas, para que tenha um melhor aproveitamento em sala de aula. Nesse sentido, a contação deve fazer parte da rotina pedagógica, para que possa favorecer o aprendizado de forma lúdica.

Portanto começar uma história é tão importante quanto concluí-la, pois é a hora de voltar para o mundo real. Ao terminar, o professor poderá conduzir o momento, promovendo atividades para o desenvolvimento oral, conversando com as crianças sobre a história, questionando sobre os personagens e os fatos ocorridos no decorrer da história, ou poderá cantar uma cantiga para desfazer a rodinha, para que aquele momento não perca o encanto do início, meio e o fim.

#### **4 METODOLOGIA**

A metodologia usada neste artigo se define como pesquisa bibliográfica e de abordagem qualitativa, onde será estudada as salas do Infantil V e do 1 ano, valendo-se do estudo de campo, através do levantamento de dados e observação.

Segundo Gil (2002), “a pesquisa bibliográfica é organizada pelos estudos de textos que são publicados em livros ou artigos científicos. Facilitando assim, o trabalho de pesquisa pois permite que obtenha o maior número de informações sobre o estudo realizado, sobre o assunto estudado”. O mesmo autor diz que o estudo de campo limita-se a estudar um grupo ou comunidade e a estrutura social, ressaltando assim, a interação entre os componentes do grupo ou da sociedade. Este estudo favoreceu a análise do grupo: as crianças das salas do Infantil V e do 1 ano e a interação entre elas. Ainda de acordo com Gil (2002), “o estudo de caso consiste no estudo de um ou poucos objetos, sendo uma modalidade de pesquisa que é utilizada nas ciências biomédicas e sociais”. Sendo escolhido como instrumento de coleta de dados o questionário e a observação, onde apresentam o ponto de vista dos pesquisadores, com relação ao assunto.

O trabalho foi desenvolvido através de leituras de artigos, na observação e consulta à consideração de alguns autores que se dedicaram a estudar o universo da

leitura, valorizando a contação de história como forma de incentivo ao ensino e aprendizagem na escola.

De acordo com Minayo (2001):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa nas ciências sociais, com nível de realidade que não pode ou não deveria ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. (MINAYO, 2001, p. 21)

A escolha do lócus da pesquisa foi fomentada pela existência do projeto “VIVA LEITURA VIVA”, que acontece em uma escola A, de Educação Infantil à 3ª série do Ensino Médio, localizada no bairro Castelão, no Estado do Ceará. A escolha das professoras depois da observação realizada, foi por usarem mais a contação de história na prática escolar. As professoras inserem a contação de história nos seus planos de aula. Foi realizado um estudo de campo no Colégio A, com observações em sala de aula, no Infantil V e no 1º ano. Que em uma breve visita à escola, percebemos o grande interesse e o incentivo pela contação de história em sala de aula.

Com relação ao estudo de campo, cabe a concepção de Gil (2002, p. 53), que diz: “A pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informações para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo”.

Por isso, aplicou-se uma entrevista semiestruturada para as professoras, com o objetivo de verificar o projeto “Viva Leitura Viva” (conforme anexo), procurando identificar a eficácia do projeto, baseado em contação de histórias para o desenvolvimento e gosto pela leitura. Junta-se a isso o uso da observação de campo com o intuito de observar como, em sala de aula, a contação de história desperta a participação e o interesse do aluno durante o decorrer da leitura.

## **5 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Foram aplicadas seis perguntas, através de entrevistas, semiestruturada, para professoras das turmas Infantil V e 1º ano. A professora do Infantil V que já trabalha na Educação Infantil há 10 anos, é graduada em Letras pela Universidade Estadual



do Ceará (UECE) há 10 anos e está cursando Pedagogia, no 5º semestre. A professora do 1º ano ensina há 5 anos e é formada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA).

As perguntas para as professoras da Educação Infantil V e do 1º ano indagam a visão delas sobre a contação de histórias, e de que maneira ela possibilita uma interação participativa dos alunos; como contribui para o incentivo à leitura; que ferramentas dispõe o professor que facilitam o aprendizado do aluno, nas disciplinas; e quais as possibilidades que facilitam o processo de ensino.

A coordenadora é formada em Pedagogia pela Universidade do Vale do Acaraú (UVA), com pós-graduação em Português e Literatura e especialização em Gestão da Educação. Com ela foi realizada uma breve conversa na primeira visita à escola, para dispor de elementos básicos referentes ao Projeto “Viva Leitura Viva”, assim como para conhecimento do material usado na sala de aula. Ao término das entrevistas, foram realizadas as transcrições. Posteriormente, seguiu-se a análise das respostas das professoras.

### **1. De que maneira a contação de história possibilita uma interação participativa dos alunos em sala de aula?**

Professora Infantil V	“Estimula a concentração, o soltar a imaginação, ajuda na criação de frases e textos, além de já trabalhar de forma leve e lúdica a interpretação de texto. Estimula a memorização de dados e ainda possibilita interdisciplinaridade”.
Professora 1º ano	“Através da socialização, fazendo com que eles adquiram experiências para a vida inteira”.

Quadro 1: Respostas à questão 1.

Pela resposta das professoras, foi destacada a importância da contação em sala de aula, mas cada uma deferiu seu pensamento, destacando os tipos de estímulos de maneira diferente. A professora do Infantil V destacou a contação de história como possibilidade de aprendizado pessoal do aluno; já a professora do 1º ano enfatizou a contação como ferramenta para a socialização. Ambas respostas

importantes, pois apontam as possibilidades que favorecem a interação e participação em sala de aula dos alunos, mas diferentes pois cada uma apresenta a sua maneira de como acontece, o processo de integração.

Souto-Maior (2000) afirma que, por meio das histórias, as crianças têm a possibilidade de enriquecer seus conhecimentos e aprendem a lidar com situações diversas, ampliando seu vocabulário, construindo uma linguagem além do seu cotidiano, proporcionando mais liberdade na criança em criar e recriar por intermédio da sua imaginação.

## 2. De que forma a contação de história contribuem para o incentivo à leitura?

Professora Infantil V	“Com a contação de história a criança ganha gosto pela leitura, já que estimula que ela “viaje na história”. Quanto mais divertida a contação mais a criança vai querer historinhas na vida dela e assim o estímulo acontece”.
Professora 1º ano	“Despertando a curiosidade da criança, fazendo com que ela tenha interesse em decifrar as ilustrações e saber como será o final da história”.

Quadro 2: Respostas à questão 2.

Entendemos então, que as professoras entendem que a contação de história contribui no aprendizado da criança quando é estimulada desde cedo, através das histórias. Isso desperta nelas o gosto pela leitura e a curiosidade.

Souza (1997) ressalta a importância da história na sala de aula. Mesmo uma criança não sendo alfabetizada, ao ouvir uma história, desperta nela o desejo, o estímulo e a curiosidade, e assim, por si só, as ideias irão se organizando, contribuindo assim no seu processo de aprendizado.

Percebemos, nesse sentido, o quanto a literatura infantil é importante para o desenvolvimento da criança no processo da leitura e escrita, durante toda a vida. Isso porque as crianças que têm contato com histórias se desenvolvem mais com relação à imaginação, à criatividade e à capacidade de discernimento e consciência de seus atos.

### 3. Quais ferramentas o professor dispõe para contar histórias em sala de aula?

Professora Infantil V	“Objetos diversos, fantasias, fantoches, tudo pode ser material para contação já gera uma dinâmica divertida que a criança embarca na maior animação e inocência”.
Professora 1º ano	“São usadas deboche, fantoche, teatrinho, onde as histórias são interpretadas pelos próprios alunos e os professores; o uso também de livros ilustrativos”.

Quadro 3: Respostas à questão 3.

Segundo Abramovich (1991), quando a criança escuta histórias, contos, tem-se a oportunidade de se tornar um leitor. Trabalhar a didática na educação é levar as crianças a desenvolver suas potencialidades e capacitá-las.

Compreendemos que, cabe ao professor introduzir, em sua metodologia, atividades lúdicas que incentivem e despertem o interesse e a participação da criança, para que o momento de aprendizagem seja divertido e significativo. Ambas as professoras utilizaram de recursos como fantoches e outros materiais, para deixar a contação de história mais interessante e atrativa. Existem várias possibilidades que o professor dispõe para contar histórias em sala de aula, como preparar um cenário adequado, levar as crianças para um ambiente favorável, esta atividade irá ser bem desenvolvida se houver uma boa preparação por parte do professor, em ter claro o seu objetivo a ser alcançado naquela aula.

### 4. Quais são as atividades usadas na contação de história que facilitam na compreensão e no aprendizado de outras disciplinas?

Professora Infantil V	“A principal atividade é o questionamento durante e depois da contação, mas também utilizamos atividade xerocada onde se faz a interação da historinha com um conteúdo estudado, também atividades de coordenação motora e artes”.
Professora 1º ano	“Utilizamos textos para interpretação das histórias, desenhos e pinturas. Trabalhando a quantidade de personagens e o tipo de cenário onde ocorre a história”.

Quadro 4: Respostas à questão 4.

Tanto a professora do Infantil V como a professora do 1º ano expressam as maneiras usadas para contar histórias em sala de aula, que facilitam a aprendizagem.

Coelho (2002) destaca a importância na seleção da história para o conhecimento, respeitando a faixa etária de cada criança, ao narrar ou escolher uma história, sem perder a qualidade literária, mesmo quando se trata de histórias tradicionais.

Constatamos que, a importância das histórias nas aulas, independente do conteúdo a ser abordado, sempre tem espaço para abrir os horizontes da criança. Pode-se trabalhar histórias em matemática, história, geografia e artes. Existem inúmeras possibilidades de transformar um conteúdo em histórias que facilitem o aprendizado no processo de ensino.

**5. Qual o papel fundamental da contação de história, que facilitam no processo de ensino e incentivo à leitura?**

Professora Infantil V	“A contação de história é fundamental no ensino e no incentivo à leitura, já que estimula o aluno a buscar por si e através da diversão o gosto pela leitura e sua independência em fazer a leitura sozinho”.
Professora 1º ano	“A contação de história ajuda a trabalhar o cognitivo e a interação com o meio em que vive”.

Quadro 5: Respostas à questão 5.

A professora do Infantil V traduz, de forma objetiva, o valor da contação na metodologia de ensino e estímulo à leitura autônoma. Já a professora do 1º ano enfatiza o conhecimento e a reciprocidade, ambos importantes para o aprendizado da criança. Neste sentido, o aluno que é desafiado a buscar novos conhecimentos tem a chance de descobrir por si só, novas alternativas para o seu desenvolvimento intelectual. Já os alunos que não dispõem desta mesma atitude, devem ser incentivados a fazer o processo de descobertas, com o uso da contação em sala de aula. Através de leituras livres, gibis que contem histórias que chamem a atenção deles, ou assuntos vivenciados pelas próprias crianças.

De acordo com Sousa (1997), a contação de história é uma prática valiosa para auxiliar os professores da Educação Infantil, pois o aprendizado é estimulado pelas narrativas, a imaginação, a criatividade e a oralidade. Para o desenvolvimento oral,

visual e escrito, são os valores trabalhados através das brincadeiras e do faz-de-conta que ajudaram na formação da personalidade da criança, propiciando o envolvimento, social, afetivo e a cultura da diversidade. A partir da história, a criança tem a oportunidade de questionar, imaginar e construir seu próprio conhecimento.

### **5.1 Observações de campo**

O colégio A, situado no bairro Castelão, trabalha com a educação há 18 anos. A Educação Infantil tem como auxílio o projeto “Viva Leitura Viva”. Com base nele, as professoras fazem um trabalho com contação de história semanal na sala de aula, seguida de atividades lúdicas e mensais na quadra da escola. De acordo com o dia escolhido, uma turma assume a responsabilidade da historinha. A professora seleciona a história, pede que as crianças tragam alguns objetos que se referem à mesma e preparam o cenário. Em seguida, as próprias crianças encenam a peça. Essas encenações mensais são registradas com fotografias, sendo que, em algumas ocasiões, as mães participam, ajudando as professoras e prestigiando seus filhos.

A Educação Infantil da escola pesquisada conta com cinco salas de aula: uma para o Infantil II, com oito crianças; uma para o Infantil III, com 16 crianças; uma para o Infantil IV, com 18 crianças; uma para o Infantil V, com 18 crianças; uma para o 1º ano, com 25 crianças, totalizando 85 crianças no turno da tarde, que foi o turno escolhido para as observações. O que me chamou a atenção nas salas foram as estantes coloridas ao lado das salas, com diversos livros e gibis, que ficam disponíveis para o uso das crianças no intervalo das aulas e na saída. Todas as salas são bem ornamentadas, coloridas e bem atrativas. São mobiliadas com mesas e cadeiras adequadas às crianças, armários para as professoras e brinquedos diversos.

Há um parque no pátio para as crianças, onde elas brincam nos intervalos com brinquedos fixados. Há uma quadra, onde acontecem as contações de histórias, cujos materiais são sempre preparados e confeccionados pelas professoras e pela coordenadora. A escola não tem uma brinquedoteca, mas dispõe de uma sala de vídeo, onde as professoras levam os alunos um dia na semana para visualizarem vídeos ou alguma atividade lúdica. Foram observadas salas heterogêneas, com crianças de várias classes sociais, e crianças que apresentam necessidades especiais.

A primeira visita foi com a coordenadora, que apresentou o projeto “Viva Leitura Viva” em uma conversa informal, falando da importância deste projeto, dos dias em

que acontecem a contação nas salas de aula da Educação Infantil (do Infantil II ao 1º ano). Falou também dos resultados obtidos no aprendizado da criança, como a parte cognitiva, a imaginação, a decodificação e o desenvolvimento da fala, quando a criança escuta e conta a história ouvida. Finalmente, falou sobre o envolvimento e a participação dos pais no projeto, principalmente as crianças do Infantil II, III e IV, que precisam da ajuda dos pais para ler as histórias em casa.

A segunda visita aconteceu no dia 10 de maio, na sala do 1º ano, que tem 25 crianças, de 1:10h às 3:00h. Compareceram 20 crianças devido à uma crise de virose, e as cinco que faltaram estavam de atestado médico, com suspeita de virose. A professora acolhe na porta e as crianças vão colocando suas lancheiras nos lugares, pois já são maiores. Depois, ao sentar, a professora cantou cantigas de acolhida, do dia-a-dia, e todos participaram. Logo após, as crianças sugeriram ouvir a contação sentados no chão, e assim, deu-se o início da história “A menina que não gostava de dividir”. A professora havia pedido para que os alunos trouxessem brinquedos, os quais foram usados para interação na história. Os brinquedos foram colocados ao meio, e eles iam participando com entusiasmo, algumas vezes interferindo com perguntas, tentando ver de perto as imagens, e assim as crianças se identificaram com a leitura, pois falava de um assunto do dia-a-dia deles. Eles se empolgaram e, no final, a professora sugeriu um momento de diversão: cada um dividir o seu brinquedo com outra criança e brincar por alguns minutos. Com esta dinâmica, a professora ia conversando informalmente, fazendo perguntas, e as crianças interagiam respondendo.

Observei uma socialização a partir da história. Logo após esse momento, as crianças voltaram cada uma para as carteiras e foi entregue uma ficha de leitura para cada uma preencher com o nome da autora, da ilustradora e da editora. Na ficha havia perguntas: a primeira era para pintar a imagem se história foi ótima, boa ou se a criança não gostou. Observei que a maioria pintou a imagem que expressava ótima, outras pintaram a imagem de boa. Nenhuma criança pintou que não gostou da história. A segunda pergunta era para fazer o desenho dos personagens da história lida. E a terceira era para escrever um final diferente da história que tinham ouvido.

Foi observado que cada um tentava conversar com um colega ao lado, tentando combinar um final. A professora ia sempre interferindo, ajudando na

construção do texto que eles tentavam formar. Ao final, a professora recolheu as fichas, finalizando este momento em uma hora e 30 minutos.

Na terceira visita, no dia 15 de maio de 2018, foram realizadas observações na sala do Infantil V, que conta com 18 crianças de cinco anos de idade. No período vespertino, de 13:10h às 17:00h, havia 16 crianças, e faltaram duas. A professora recebeu as crianças na porta, de maneira alegre e cordial. Em seguida, fez a rotina de acolhida com orações e músicas diversas. Logo após, a professora contou a história “Onde está a mamãe?”, de um livro de Terezinha Casasanta, lançado em 2009. Alguns interagiram, outros não participavam com perguntas, mas ficaram em silêncio demonstrando interesse. No final, alguns queriam visualizar as imagens do livro e outros só participavam ao comando da professora. Na atividade, as crianças puderam desenhar, expressando seus sentimentos da parte de que tinham gostado. Essa atividade durou uma hora, entre a história e os desenhos relacionados às histórias. Estes desenhos foram expostos na sala de aula. Cada um escreveu seu nome.

Garcia *et. al.* (2003) faz a seguinte observação:

Há um verdadeiro tesouro de histórias que abre as portas do imaginário, fazendo com que o aprendizado seja um momento rico e prazeroso. Enfim, quando aprendemos por intermédio das histórias, nunca nos esquecemos, pois esse é um aprendizado que dura para sempre. (GARCIA *et. al.*, 2003, p.10)

As professoras usaram a contação como meio que interliga o lúdico com os conteúdos curriculares, e assim proporcionaram um ambiente divertido e prazeroso, deixando a criança à vontade e, ao mesmo tempo, corresponsável pela história. Sendo assim, a contação de história favorece momentos de descontração e movimentação, e também desperta na criança o interesse por novas histórias e aventuras do conhecimento.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das observações realizadas, foi constatado que a contação de história contribui diretamente no cognitivo da criança, no aprendizado, tornando os conteúdos mais acessíveis, favorecendo a concentração, a atenção e o discernimento. Portanto, o uso da contação em sala de aula é indispensável na rotina pedagógica, pois trará benefícios para a criança, como despertar a motivação, o incentivo às aprendizagens, e o aperfeiçoamento da escrita.

Diante desse contexto de ensino, verificamos que os professores inserem a contação na rotina semanal como meio, usando a criatividade, incentivando as

crianças através do material confeccionado em sala, que também é usado nas apresentações dos livros que fazem parte do acervo do projeto “VIVA LEITURA VIVA”, que a escola utiliza para contar as histórias.

Nesse sentido, didaticamente, a contação de história pode contribuir de forma prática e lúdica no aprendizado e no processo de ensino, do aluno. Foi observado e constatado o quanto a contação pode inferir no desenvolvimento da criança, atingindo assim os objetivos propostos neste artigo, a participação e a interação no processo de aprendizado, relacionando a contação com as disciplinas curriculares, e tornando atraente e prazerosa a aprendizagem, com o uso das histórias, resgatando gêneros literários e aperfeiçoando o gosto pela leitura. Ficou comprovado que esta maneira utilizada em sala de aula contribui de forma efetiva no processo de ensino-aprendizagem, no estímulo à memória, às habilidades linguísticas e à criatividade. Por ser um meio lúdico, contribui nos diferentes aspectos do desenvolvimento humano: social, emocional e cognitivo, ajudando de maneira efetiva como ferramenta indispensável no processo educacional.

As professoras expressaram aspectos de que, através da contação, o pensamento da criança é aguçado, o desejo de buscar novas leituras e a disponibilidade para a criatividade. Enfim a sociedade precisa de leitores, pessoas reflexivas e atuantes em prol de uma sociedade melhor. As práticas da contação de história na Educação Infantil serão um apoio para essas crianças.

## REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Afiliada, 1981.

BARBOSA, C. J.; SANTOS, L. R. S. Contação de histórias para crianças dos anos iniciais. **REVISTA FACEVV**. Vila Velha, n. 3, p. 23-33, jul./dez. 2009.

BRASIL. MEC-SEF. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998.

\_\_\_\_\_. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil de 1998**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de educação Fundamental. v. 3, 1998.



- BUSATTO, C. **A arte de contar histórias no século XXI** (Tradição e Ciberespaço). Rio de Janeiro: Vozes, 2006.
- CAMPELATO, I. R. **Educação com afetividade**. São Paulo: Gráfica Editora Modelo Ltda., 2007.
- CAMPOS, D. M. **Psicologia da Aprendizagem**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CAVALCANTE, J. **Caminhos da leitura infantil e juvenil**. São Paulo: Paulo, 2004.
- COELHO, B. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001.
- FALCÃO, G. M. **Psicologia da aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- GARCIA, W. *et al.* **Baú do professor**. Belo Horizonte: Fapi, 2003.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de 6 anos de idade**. Brasília, p. 19-21, 2006.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social, teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Trad. Suzana Menescal de A. Carvalho, José Laurindo de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- REGATIERI, L.P.R. Didatismo da contação de histórias. Em extensão. Uberlândia, v,7, n.2, p.30-40,2008.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.
- SISTO, C. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- SOUSA, L. O. **Contação de História como A estratégias pedagógica**. Disponível em: <<http://www.brasileira.comeducação>>. Acesso em 10/04/2011.
- SOUTO-MAIOR, S. D. Partilhando experiências de estágios. In: OSTETO, L. E. (Org.) **Encontros e encantamentos Na Educação Infantil**. Campinas: Papiros, 2000.
- VYGOTSKY, M. K. O processo de informação de conceitos. In: TAILLE, Y. L.; OLIVEIRA, M. K.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wailon: Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

## APÊNDICE A

### ENTREVISTA APLICADA COM OS DOCENTES

#### TEMA: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

1. De que maneira a contação de história, possibilita uma interação participativa dos alunos em sala de aula?
2. De que forma a contação de história contribuem para o incentivo à leitura?
3. Quais ferramentas o professor dispõe para contar história em sala de aula?
4. Quais são as atividades usada na contação de história que facilitam na compreensão e no aprendizado de outras disciplinas?
5. Qual o papel da contação de história, que facilitam no processo de ensino e incentivo à leitura?

### ANEXO A

#### ENTREVISTA COM A PROFESSORA DO INFANTIL V

1. De que maneira a contação de história possibilita uma interação participativa?  
 Estimula a concentração, o soltar a imaginação, ajuda na criação de frases e textos, além de já trabalhar de forma leve e lúdica a interpretação de texto. Estimula a memorização de dados e ainda possibilita interdisciplinaridade.
2. De que forma a contação de história contribuem para o incentivo a leitura?  
 Com a contação de história a criança ganha gosto pela leitura, já que estimula que ela “viaje na história”. Quanto mais divertida a contação mais a criança vai querer historinhas na vida dela e assim o estímulo acontece.
3. Quais ferramentas o professor dispõe para contar histórias em sala de aula?  
 Objetos diversos, como fantasias, fantoches, tudo pode ser material para contação já que gera uma dinâmica divertida que a criança, embarca na maior animação e inocência.
4. Quais são as atividades usadas na contação de histórias que facilitam na compreensão e no aprendizado de outras disciplinas?

A principal atividade é o questionamento durante e depois da contação, mas também utilizamos atividade xerocada onde se faz a interação na historinha com um conteúdo estudado, também atividades de coordenação motora e artes.

5. Qual o papel fundamental da contação de história, que facilitam no processo de ensino e incentivo à leitura?

A contação de história é fundamental no ensino e no incentivo à leitura, já que estimula o aluno a buscar por si e através da diversão o gosto pela leitura e sua independência em fazer a leitura sozinho.

## **ANEXO B**

### **ENTREVISTA COM A PROFESSORA DO 1 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

1. De que maneira a contação de história possibilita uma interação participativa?  
Através da socialização, fazendo com que eles adquiram experiências para a vida inteira.
2. De que forma a contação de histórias contribuem para o incentivo à leitura?  
Despertando a curiosidade da criança, fazendo com que ela tenha interesse em decifrar as ilustrações e saber como será o final da história.
3. Quais ferramentas o professor dispõe para contar histórias em sala de aula?  
São usadas deboche, fantoche, teatrinho, onde as histórias são interpretadas pelos próprios alunos e os professores; o uso também de livros ilustrativos.
4. Quais são as atividades usadas na contação de história que facilitam na compreensão e no aprendizado de outras disciplinas?  
Utilizamos textos para interpretação das histórias, desenhos e pinturas. Trabalhando a quantidade de personagens e o tipo de cenário onde ocorre a história.
5. Qual o papel da contação de história, que facilitam no processo de ensino e incentivo á leitura?  
A contação de história ajuda a trabalhar o cognitivo e a interação com o meio em que vive.

## DECLARAÇÃO DE CORREÇÃO GRAMATICAL

DECLARO para os devidos fins que eu, PROF. ME. FABIO NUNES ASSUNÇÃO, RG 96006006889, realizei a correção gramatical do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INCENTIVO À LEITURA, realizado pelo(a) aluno(a): CLEONEIDE ARRUDA BARROSO SANTANA, do Curso de Pedagogia da FATE – Faculdade Ateneu.

Fortaleza/CE, 01 de junho de 2018.



---

Prof. Me. Fabio Nunes Assunção  
Graduado em Letras pela UECE  
Mestre em Linguística Aplicada pela UECE

ESTADO DO CEARÁ



# Universidade Estadual do Ceará

## Centro de Humanidades

O Reitor da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, no uso de suas atribuições e tendo em vista a conclusão do Curso de Graduação, confere o título de

Bacharel em Letras

a

**Fabio Nunes Assunção**

e outorga-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar de todas as prerrogativas legais.

Fortaleza, 18 de

maio de 2010

Reitor

*Fabio Nunes Assunção*  
Diplomado

Diretor

ESTADO DO CEARÁ



# Universidade Estadual do Ceará

CENTRO DE HUMANIDADES



O(A) Reitor(a) da UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, nos termos da legislação vigente, e tendo em vista a conclusão do Curso de Mestrado em Linguística Aplicada (Acadêmico), confere o título de

**MESTRE**

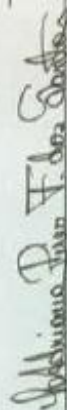
Área de Concentração: Linguagem e Interação

a

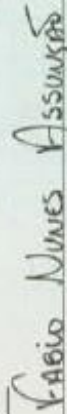
**FABIO NUNES ASSUNÇÃO**

e outorga-lhe o presente Diploma, a fim de que possa gozar de todas as prerrogativas legais.

Fortaleza, 17 de Setembro de 2014

  
Diretor(a) do Centro ou Faculdade

Reitor(a)

  
Fabio Nunes Assunção

Diplomado(a)